



ELEIÇÕES

Doria precisa conter dissidências tucanas

Escolhido para representar o PSDB na disputa presidencial, governador terá de manter a obstinação a fim de superar as muitas resistências internas. Em rede social, Leite sugere novos planos para a corrida de 2022

» LUIZ CARLOS AZEDO

Carlos Vieira/CB



Doria, entre Araújo e Leite: vencedor das prévias convidou o ex-concorrente a coordenar a campanha, mas o gaúcho recusou

Não será fácil para o governador de São Paulo, João Doria, avançar a candidatura à Presidência da República, tanto em São Paulo quanto nos demais estados. A vitória sobre o governador gaúcho Eduardo Leite, por 53,99% a 44,66% dos votos válidos, nas prévias do PSDB, foi mais apertada do que imagina. Houve lances muito tumultuados na disputa, e o jogo bruto na arrancada final para garantir a maioria de votos dos mandatários do partido causou feridas. A determinação de Doria afrontou os caciques tucanos que se opunham à sua candidatura. Agora, uma composição interna ficou mais difícil.

Doria anunciou que vai conversar com todo mundo, sinalizou a disposição de fazer alianças e unificar a chamada terceira via. Mas precisa criar um fato político capaz de catalisar esses apoios, o que depende dos resultados de pesquisas. Ninguém sabe se a superexposição de Doria na mídia, durante o tumultuado processo de prévias do PSDB, vai melhorar sua imagem nas pesquisas ou aumentar a rejeição. A sorte do governador paulista é que os adversários internos estão paralisados pela derrota, desorientados e pessimistas.

Eduardo Leite, por exemplo, recusou o convite de Doria para coordenar sua campanha. Ontem, fez uma postagem no Twitter que refletiu o clima de desânimo e provocou ainda mais desorientação: "Muito obrigado a todos

os que nos acompanharam! Fizemos uma campanha limpa, bonita e honesta. O PSDB escolheu seu caminho e desejo sorte ao @jdo-riajr. Acima de projetos pessoais ou partidários está o Brasil! E eu, onde estiver, buscarei sempre dar minha contribuição ao país!"

Os tucanos inconformados com a vitória de Doria gostariam que Leite liderasse uma

dissidência e mantivesse sua candidatura, por outra legenda. Mas avaliam que isso não será possível. O governador gaúcho participou das prévias e compareceu ao ato de oficialização da candidatura de Doria. E os políticos gaúchos não têm tradição de mudar de partido, um verdadeiro tabu. Aos mais próximos, Leite tem dito que não vai concorrer

à reeleição. Tampouco manifesta intenção de disputar uma vaga ao Senado, mas essa possibilidade é a mais sensata para quem adiou para 2026 o sonho de buscar a Presidência.

O maior problema de Doria é a dissidência de Geraldo Alckmin em São Paulo, que é irreversível. A dúvida é se o ex-governador pretende ser candidato ao Palácio dos

Bandeirantes pelo PSD ou vice do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pelo PSB. A primeira alternativa é a mais provável. Sua dissidência é um problema para Doria, que luta para melhorar a avaliação de seu governo, ensanduído por Bolsonaro nas pequenas cidades paulistas e Lula nos grandes centros. O vice Rodrigo Garcia, candidato a governador,

tem amplo trânsito entre os prefeitos paulistas, mas também não bomba nas pesquisas.

Bancada federal

A terceira frente de desgaste é a dissidência de Aécio Neves em Minas Gerais. Na avaliação de Doria, a saída do ex-governador mineiro do partido favoreceria sua candidatura. É inimaginável uma composição entre ambos, mas tem um ditado que diz que mineiro não briga nem faz as pazes.

Os dois disputam o controle da bancada na Câmara. O líder Rodrigo Castro (MG), ligado a Aécio, é candidato à recondução. Doria teve apoio da maioria dos deputados federais, mas Castro é um interlocutor privilegiado do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e tem poder de barganha para negociar as emendas ao Orçamento da União. Para alinhar a bancada federal com seu projeto de oposição, Doria precisaria articular a eleição de um novo líder ou trazer Castro para o seu lado.

Sem Leite, Alckmin e Aécio, Doria precisa apostar nas alianças. A maior sinalização, até agora, foi em direção do ex-ministro da Justiça Sergio Moro, que despois como pré-candidato do Podemos. Ambos têm boa relação, mas quem ocupa posição mais vantajosa nas pesquisas é Moro.

Pré-candidata do MDB à Presidência, a senadora Simone Tebet (MDB-MS) é a vice dos sonhos de Doria. A composição não lhe garantiria, porém, apoio efetivo do MDB, especialista em cristianizar candidatas.

Ciro Gomes no labirinto

» ISRAEL MEDEIROS

A chegada de Sergio Moro à corrida presidencial de 2022 impactou fortemente as candidaturas da terceira via. Luiz Henrique Mandetta, por exemplo, passou a ser dúvida, e a tendência é de que ele apoie o ex-colega de governo Bolsonaro. Mais à esquerda, quem mais sofre com as mudanças no jogo é o governador de Pernambuco, o PDT.

Ciro já era considerado um candidato com chances remotas de chegar ao segundo turno. Mas viu a pré-candidatura mergulhar na incerteza depois de conflitos que protagonizou com seu partido. No início de novembro, o governador decidiu suspender a pré-candidatura após parlamentares do PDT votarem a favor da PEC dos Precatórios, importante ferramenta do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) em busca da reeleição.

A confusão causou um racha dentro do partido, e o PDT se viu encurralado. Se a legenda mantivesse a palavra ao presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), poderia voltar atrás, se decidisse voltar atrás, os parlamentares ficariam "queimados" na Casa. No fim das contas, os pedetistas cederam à pressão do pré-candidato e mudaram o voto. O movimento foi malvisto por parte da sigla, mas parlamentares consultados pelo **Correio** garantem que o episódio está superado.

Para o deputado Eduardo Bismarck (PDT-CE), a relação de

Ciro com o partido permanece intacta. Ele esclareceu que, na ocasião, defendeu o posicionamento do partido, mas mudou de ideia. Para Bismarck, o que faltou foi uma comunicação clara entre ambos os lados.

"Eu disse que não via motivos para a mudança do voto no segundo turno. Mas depois me sensibilizei com o apelo dele e do partido. Acho que poderia ter existido um diálogo maior com a bancada. Se ele pretende influenciar nos posicionamentos da bancada, isso deveria ser uma constante. Seria também um importante instrumento de apoio a ele", afirma.

O parlamentar acredita, no entanto, que não há arestas a aparar e diz que "isso já é passado". "O Giro é nosso candidato, e é muito bom para o PDT e seus candidatos que ele seja. A PEC é passado, portanto tem muita água para passar por debaixo da ponte até as convenções do ano que vem", pontua. Bismarck garante que dará apoio incondicional à candidatura do pedetista.

Autoritarismo

Analistas, no entanto, veem a situação como um tiro no pé. Segundo o cientista político André Rosa, o ultimato dado por Gomes foi um erro político que "beira o autoritarismo". Ele explica que esse tipo de atitude costuma ser malvista dentro de um partido e põe em xeque a visão do comprometimento de um candidato com a agenda da sigla. Nesse

caso, o principal prejudicado é o próprio Giro.

"Ele gastou um cartucho muito alto nessa briga e pareceu que se colocou acima do próprio partido. Num contexto partidário, isso é inadmissível. A agenda do partido deve estar acima de um candidato. Ele mostrou que ele se acha maior que o próprio PDT, mas o PDT tem uma história grande. Foi uma demonstração de vaidade política para querer mostrar que tem força", diz Rosa.

Ciro tem tentado se colocar como um candidato mais jovial, fazendo lives e programas para a internet com estilo moderno. Isso, segundo Rosa, faz sentido porque o pedetista tem um grande apoio entre lideranças jovens de esquerda, especialmente dentro de universidades. Mas o analista acredita que o caminho mais assertivo para Giro seria articular uma aliança com Lula, já que, em meio à polarização, é difícil que dois candidatos do mesmo espectro ideológico convivam de forma competitiva.

Efeito Moro

Com a chegada de Moro ao jogo, as coisas ficaram mais complicadas para o pedetista. O ex-juiz já é visto como a única opção viável de terceira via por alguns analistas e políticos. Segundo pesquisa Ipspe divulgada na última semana, o ex-ministro aparece com 11% de preferência entre os eleitores. Já Giro

Reprodução/Twitter



Ciro: maior desafio do pedetista é definir o seu lugar na disputa com Lula como candidato da esquerda

tem 9%. Lula (PT) e Jair Bolsonaro (sem partido) têm, respectivamente, 42% e 25%.

Para André Rosa, é cedo, no entanto, para dizer se Giro jogará a toalha. "Acho que é muito cedo para dizer que o Giro jogou a toalha. Ele precisa sentir mais o termômetro, ver se a candidatura do Moro vai para frente. Acho que é cedo, muita coisa pode surpreender. É muito incerto ainda para avaliar", comenta.

Márcio Coimbra, cientista político e coordenador do Mackenzie, vê Giro como desorientado em suas estratégias políticas. "Eu acredito que o Giro Gomes ainda não soube se posicionar dentro

do cenário eleitoral. Ele primeiro começou a se posicionar como uma terceira via e aí depois ele começou a bater no Lula e bater no Bolsonaro. Ele não achou o seu tom dentro dessa campanha. Como o eleitorado dele não o enxerga como uma terceira via — apesar de ele tentar se vender como terceira via —, os eleitores acabam se deslocando para o lado do Sergio Moro", afirma.

Para o especialista, o pedetista precisa se localizar dentro da sua campanha e se portar de acordo com o que ele é: uma alternativa a Lula no campo da esquerda. "Se ele não achar esse tom, é melhor ele acabar desistindo",

avalia Coimbra.

"Ciro não é e nunca será identificado como um candidato de terceira via. O eleitorado dele é aquele que sempre o considerou candidato de centro-esquerda. E ele vai continuar nesse caminho se quiser ainda crescer e se mostrar como uma alternativa ao PT e uma alternativa ao Lula na esquerda. Fora disso, na terceira via, ele não tem nenhuma chance de emplacar", conclui.

O PDT foi procurado pelo **Correio** para se posicionar sobre o atrito com Giro Gomes, mas não respondeu até o fechamento. A reportagem não conseguiu contato com o pré-candidato.